

TEORIA CRÍTICA DO DISCURSO E TEXTO

Izabel Magalhães*

Resumo: O propósito deste artigo é apresentar uma agenda para o debate e a pesquisa da teoria crítica do discurso, relacionando-a, por um lado, à teoria social crítica e, por outro, à lingüística sistêmico-funcional. Conceitos centrais na teoria crítica do discurso são os de prática social, evento social, gênero discursivo e texto. A análise de discurso textualmente orientada (ADTO) é uma proposta de compreensão das práticas sociais na concepção dialética do discurso, envolvendo gêneros discursivos e a construção de sentidos nos textos: ações (gêneros), representações (discursos), identificações (estilos). Três momentos significativos do desenvolvimento da teoria são apresentados, assim como são destacados pontos para futuras pesquisas.

Palavras-chave: teoria crítica; discurso; prática social; texto; gênero; transdisciplinaridade.

1 INTRODUÇÃO

A teoria crítica do discurso (TCD) propõe uma agenda de debate sobre a linguagem textualmente orientada e, nessa perspectiva, ela oferece uma contribuição significativa para a compreensão dos processos sociais relacionados às transformações econômicas e culturais contemporâneas (GIDDENS, 1991; HARVEY, trad., 2000). Este artigo tem como objetivo a apresentação da análise de discurso textualmente orientada (ADTO) como uma abordagem adequada à análise desses processos sociais, significando uma importante contribuição da lingüística para o estudo das práticas sociais. Estudos que vêm debatendo as questões tratadas aqui são os de N. Fairclough (trad., 2001b; 2003), R. Wodak e M. Meyer (orgs., 2001) e T. van Dijk (2000).

Algumas dessas transformações econômicas e culturais se materializam textualmente em leis que determinam a perda de direitos trabalhistas consagrados, como por exemplo, a Reforma da Previdência e a flexibilização das leis que regem o trabalho formal. Ao comentar sobre os efeitos sociais dos textos, Fairclough (2003, p. 8) faz a seguinte reflexão:

* Professora do Programa de Pós-Graduação em Lingüística e Coordenadora do Núcleo de Estudos de Linguagem e Ideologia da Universidade de Brasília. Doutora em Lingüística.

Os textos como elementos dos eventos sociais [...] causam efeitos – isto é, eles causam mudanças. Mais imediatamente os textos causam mudanças em nosso conhecimento (podemos aprender coisas com eles), em nossas crenças, em nossas atitudes, em nossos valores, e assim por diante. Eles causam também efeitos de longa duração – poderíamos argumentar, por exemplo, que a experiência prolongada com a publicidade e outros textos comerciais contribui para moldar as identidades das pessoas como ‘consumidores’, ou suas identidades de gênero. Os textos podem também iniciar guerras ou contribuir para transformações na educação, ou para transformações nas relações industriais, e assim por diante¹.

Os efeitos sociais dos textos, no entanto, precisam ser compreendidos e qualificados. Como o próprio Fairclough lembra, não se trata de ‘simples causalidade mecânica’. Por exemplo, não cabe dizer que determinados aspectos dos textos transformam a vida das pessoas, ou causam efeitos políticos. Além disso, Fairclough observa, causalidade não é o mesmo que regularidade. Não existe uma relação de causa e efeito que seja regularmente associada com um tipo de texto ou com aspectos dos textos. Todavia, os textos produzem efeitos sobre as pessoas, e tais efeitos são determinados pela relação dialética entre texto e contexto social (FAIRCLOUGH, 2001a).

Como assinala Thompson (1990, p. 150), o contexto social envolve dimensões espaço-temporais constituintes de ações e interações. O tempo e o espaço determinam que certas ações e modos de interação sejam mais adequados e possíveis que outros. Há que se notar, nesse sentido, que a transição das práticas de produção ‘fordista’ características do pós-guerra para um período de ‘acumulação flexível’ a partir da década de 1970 apresenta uma contrapartida cultural que resulta em transformações no contexto social. Em relação a esse ponto, Harvey (trad., 2000, p. 151) nota que “o próprio saber se torna uma mercadoria-chave, a ser produzida e vendida a quem pagar mais, sob condições que são elas mesmas cada vez mais organizadas em bases competitivas.”

O estudo das transformações no contexto social faz parte da agenda da TCD, que considera a vida social como “redes interligadas de práticas sociais de diversos tipos” (FAIRCLOUGH, 2001a). As práticas sociais são formas de atividades sociais

¹ Tradução de Izabel Magalhães, da obra *Analysing discourse* (2003). A tradução integral da obra de N. Fairclough se encontra em andamento.

que apresentam relativa estabilidade, formadas de diversos elementos, dentre os quais o discurso (semiose). Além do discurso, as práticas sociais incluem: ações, sujeitos e relações sociais, instrumentos, objetos, tempo e lugar, formas de consciência, valores. Para a compreensão da TCD, é preciso questionar sobre a relação entre práticas, eventos e estruturas sociais. As práticas são “entidades organizacionais intermediárias entre estruturas e eventos” (FAIRCLOUGH, 2003: 23). As estruturas sociais, como raça, gênero, classe, parentesco, língua, determinam um ‘conjunto de possibilidades’ que podem ou não concretizar-se nos eventos sociais, como a aula, a reunião acadêmica ou o culto religioso. Os textos são elementos dos eventos sociais que se relacionam dialeticamente com elementos não-discursivos. Dessa forma, os textos contribuem para definir os sentidos construídos nas práticas sociais. Mas são as práticas que controlam a seleção dessas possibilidades e sua manutenção ou transformação em domínios sociais particulares, por exemplo, no domínio da medicina, da religião ou do ensino.

Segundo Fairclough (2001a), existe uma relação dialética entre os elementos das práticas sociais, o que significa a ‘interiorização’ de uns por outros, sem que haja redução entre eles. Melhor dizendo, as relações sociais, as identidades sociais, os valores e a consciência cultural apresentam uma faceta discursiva (semiótica), muito embora sejam teorizados e pesquisados de forma diferente da linguagem. Daí porque a TCD é transdisciplinar.

O projeto de transdisciplinaridade da TCD é enfatizado por diversos estudiosos, dentre os quais van Dijk (2001) e Chouliaraki e Fairclough (1999). Esses autores, ao situarem a TCD na ciência social crítica, recomendam a transdisciplinaridade, que se resume no estudo do discurso como um dos momentos das práticas sociais, relacionando-se dialeticamente com outros, por exemplo, as instituições. Van Dijk recomenda a integração do “melhor trabalho de muitas pessoas, famosas ou não, de diferentes disciplinas, países, culturas e direções de pesquisa” (*op. cit.*, p. 95-96).

Como questiona Ochoa (2002, p. 35), se a tese da modernidade de que o ser humano só é capaz de conhecer o que é determinado pelo próprio sujeito, “acaso no cabe outra vía que, por contraposición com la anterior, se pudiera llamar, ‘camino exterior’”. Para Ochoa, é preciso, senão fugir da ‘clausura do sujeito’, pois isso é impossível, pelo menos dirigir-se ao ‘real’.

Así expuesto, esta vía aparece obviamente como un camino que sólo puede ir de un sujeto a otro sujeto, es decir, este camino exterior intenta una aproximación a lo real por la vía de la intersubjetividad. La mutua confrontación de las subjetividades, de las representaciones, de las construcciones que los sujetos han elaborado para desenvolverse em el mundo, permitiría alcanzar una cierta forma de trascendencia de sí.

Como forma de viabilizar o caminho exterior, Chouliaraki e Fairclough notam que a análise de discurso oferece uma ‘variedade de teorias’, principalmente teorias sociais e teorias lingüísticas, de tal modo a realizar uma “síntese mutante de outras teorias”, teorizando em particular a “mediação entre o social e o lingüístico” (*op. cit.*, p. 16)².

O discurso como forma de mediação é situado na ordem do discurso, um conceito de Foucault (trad., 1996), apropriado por Fairclough em sua obra *Discurso e mudança social* (trad., 2001b). A ordem do discurso se refere à totalidade de discursos em uma sociedade ou instituição, à inter-relação entre as práticas sociais, às articulações e rearticulações entre elas (MAGALHÃES, I., 2000, p. 91). Fairclough sugere que as ordens do discurso são formadas de elementos, com limites tensos entre as práticas. Que rearticulações vão predominar? A hegemonia depende do investimento e do reinvestimento ideológico das convenções discursivas, dos gêneros discursivos e dos estilos (MAGALHÃES, I., idem, p. 91-92). Trata-se de conceito relevante para a compreensão da estruturação social da textualidade híbrida (semiótica).

Resumindo, a transdisciplinaridade da TCD significa a operacionalização de conceitos de outras disciplinas, em especial da ciência social crítica, no desenvolvimento da lingüística.

Na próxima seção, distinguirei três momentos na análise de discurso textualmente orientada.

2 A ANÁLISE DE DISCURSO TEXTUALMENTE ORIENTADA (ADTO)

Uma característica dessa forma de fazer análise de discurso que a distingue de outras abordagens é o foco na análise detalhada dos textos como janelas a

² Tradução de Izabel Magalhães da obra *Discourse in late modernity* (1999). A tradução integral da obra de Chouliaraki e Fairclough será publicada pela Editora Universidade de Brasília.

iluminarem as práticas sociais (FAIRCLOUGH, 2003, trad. 2001b; MAGALHÃES, I., 2000a). Em diversos trabalhos, desde a publicação do artigo “Por uma abordagem crítica e explanatória do discurso” (MAGALHÃES, I., 1986), destaquei a relevância dessa abordagem no estudo do gênero social (MAGALHÃES, I., 1991, 1995a, 2000b, 2003a, 2003b); na investigação da alfabetização de jovens e adultos (MAGALHÃES, I., 1995b, 1996, 1997a); no estudo do discurso religioso (MAGALHÃES, I., 1997b); e na pesquisa da consulta médico-paciente (MAGALHÃES, I., 2000a). Outros trabalhos sobre o discurso realizados com base na análise textual são os de Leal (2003), Sgarbieri (2003), Magalhães, C., (orga., 2001), Rios (2002, 1997), Martins (1996), Wodak (2000, 1996), Barát (2000), Wodak e Meyer (orgs., 2001), van Dijk (org., trad., 2000), Caldas-Coulthard e Coulthard (orgs., 1996), van Leeuwen (1996), Jaworski e Coupland (orgs., 1999)³.

Como forma de estabelecer clareza na apresentação da ADTO, distinguirei três etapas em sua arqueologia.

a) A lingüística sistêmico-funcional (LSF)

A preocupação com a análise textual se deve à influência de Halliday e da lingüística sistêmico-funcional (HALLIDAY, 1976, 1994; HALLIDAY E HASAN, 1989). A definição de linguagem na lingüística sistêmico-funcional se baseia na lingüística instrumental, o estudo da linguagem para compreender outros fenômenos. Ao estudar a lingüística instrumental, compreende-se a natureza da linguagem como fenômeno integral. A lingüística sistêmico-funcional defende a idéia de que os sistemas lingüísticos são abertos à vida social, daí porque a perspectiva de Halliday (1989, p. 3) se define como semiótica social. Para Halliday (1994, p. xiii-xiv), o estudo da linguagem é funcional em três sentidos: (1) destina-se a explicar como as línguas são usadas: “Todo texto – isto é, tudo que é dito ou escrito – se desenvolve em algum contexto de uso [...] A linguagem evoluiu para satisfazer as necessidades humanas [...]” (*op. cit.*, p. xiii); (2) os componentes fundamentais do significado lingüístico são funcionais: ideacionais (reflexivos: a expressão de processos, eventos, ações, estados ou outros aspectos do mundo real representados simbolicamente), interpessoais (ativos: a expressão de formas de ação, de atitudes e de relações com os interlocutores) e textuais (elos coesivos que tornam os textos adequados à ocasião

³ Para uma discussão detalhada do debate realizado pela TCD, ver Magalhães, I. (2003b); e Wodak (2001).

social); (3) cada elemento de uma língua tem uma função no sistema lingüístico, e é explicado por essa função. Isso é percebido na inter-relação entre os componentes do significado lingüístico.

b) A lingüística crítica (LC)

Os lingüistas críticos, adotando conceitos de Halliday, focalizaram a relação entre texto, poder e ideologia. Na obra *Language and control*, de Fowler *et al.* (1979), Fowler e Kress apresentam o manifesto do grupo, com a seguinte asserção:

Se o significado lingüístico é inseparável da ideologia, e ambos dependem da estrutura social, então a análise lingüística deveria ser uma poderosa ferramenta para o estudo dos processos ideológicos que medeiam as relações de poder e controle. Mas a lingüística é uma disciplina acadêmica, e como todas as disciplinas acadêmicas, está apoiada em uma série de pressupostos que constituem uma ideologia do sujeito. Não é um instrumento neutro para o estudo da ideologia; é um instrumento que foi neutralizado. Existe então a necessidade de uma lingüística que seja crítica, que esteja consciente dos pressupostos em que se baseia e que esteja preparada para refletir criticamente sobre as causas subjacentes dos fenômenos que estuda e sobre a natureza da sociedade à qual pertence a língua (estudada). (p. 186)

Fowler e Kress apresentam três pressupostos da lingüística crítica: primeiro, a linguagem tem funções específicas e as formas e os processos lingüísticos expressam essas funções; segundo, as seleções feitas pelos falantes no inventário total de formas e processos lingüísticos são sistemáticas, seguindo determinados princípios; terceiro, contrariamente à visão de arbitrariedade na relação entre forma e conteúdo, “a forma significa o conteúdo” (p. 188). Os dois primeiros derivam da obra de Halliday (1976), enquanto o último é proposto pela lingüística crítica, como reformulação do conceito de arbitrariedade do signo lingüístico de Saussure (*apud* FOWLER e KRESS, *op. cit.*). No sistema de Saussure, o significado de um termo depende de uma relação de oposição com outros termos. Na lingüística crítica, os termos apresentam significado em oposição a outros termos, mas também em si mesmos.

É apenas quando reconhecemos o significado contido nos próprios itens, que a forma lingüística pode ser demonstrada como realização do significado social (e de outros). A seleção de uma forma e não de outra aponta a

articulação pelo(a) falante de um tipo de significado e não de outro. (Fowler e Kress, *op. cit.*, p. 188-189)

Além de se oporem à lingüística estruturalista e gerativista, os lingüistas críticos fazem também uma avaliação da sociolingüística, indicando como problemática a divisão entre os conceitos de 'linguagem' e 'sociedade', "de tal forma que há uma obrigatoriedade de falar-se de 'ligações entre os dois', enquanto para nós [lingüistas críticos] a linguagem é parte integral do processo social" (*op. cit.*, p. 189). A relação dialética entre linguagem e sociedade (cf. Seção 1) é desconsiderada pela sociolingüística, que discute apenas a influência da sociedade sobre os usos lingüísticos. Entretanto, um ponto que é atualmente aceito é que a linguagem como prática social (discurso) tem efeitos constitutivos sobre a sociedade (FOUCAULT, trad., 1996). Fowler e Kress afirmam que a linguagem contribui, inquestionavelmente, para 'confirmar e consolidar' as instituições que a 'modelam', sendo usada para 'manipular' os interlocutores e para 'manter o poder' das agências de estado e das organizações (*op. cit.*, p. 190).

c) A análise de discurso crítica (ADC)⁴

Outra etapa fundamental na formulação da ADTO foi iniciada com a publicação do artigo de Fairclough "Critical and descriptive goals in discourse analysis", no *Journal of Pragmatics* (1985), que desencadeou uma série de importantes debates no Centro de Linguagem na Vida Social, na Universidade de Lancaster (Grã-Bretanha), sobre a linguagem como prática social nas transformações econômicas e culturais do neocapitalismo. Fundado no início da década de 1980, o Centro reuniu um grupo de lingüistas inquietos, alguns com formação antropológica e outros, como é o caso de Fairclough, com formação marxista, que rejeitava abordagens ligadas ao estruturalismo e ao gerativismo (FAIRCLOUGH, 1989).

⁴ Desde a década de 1980, quando introduzi essa área de estudos no Brasil, adoto o termo 'análise de discurso crítica', embora reconheça que trabalhos posteriores, aqui e em Portugal (por exemplo, Pedro, orga.), registrem a tradução 'análise crítica do discurso', talvez por influência do termo espanhol 'análisis crítico del discurso'. Particularmente, não penso que a manutenção do termo inicial seja um problema para o crescimento da área. Outro ponto a destacar é que considero a ADC como parte da análise de discurso textualmente orientada, ligada à perspectiva metodológica qualitativa interpretativa que defende uma posição explícita do/a analista em relação aos dados analisados, contribuindo, dessa forma, para o debate aberto das discriminações sociais com base em classe social, sexo, raça ou etnia. Nesse sentido, ADC se refere à metodologia e TCD, à teoria.

A ADC pode ser considerada uma continuação da LC (WODAK, 2001). Porém, não cabe reduzir a ADC à LC, pois há questões teóricas e práticas que foram explicitadas pela ADC, contribuindo para o avanço dos debates. A ADC tem se dedicado à análise de textos, eventos discursivos e práticas sociais no contexto sociohistórico, principalmente no contexto das transformações sociais, propondo uma teoria e um método para o estudo do discurso. Enquanto a LC desenvolveu um método para analisar um pequeno *corpus* textual, a ADC oferece uma contribuição significativa da lingüística para debater questões da vida social contemporânea, como o racismo, o sexismo (a diferença baseada no sexo), o controle e a manipulação institucional, a violência, as transformações identitárias, a exclusão social (MAGALHÃES, I., 2003b).

De acordo com Chouliaraki e Fairclough (1999), a ADC deve ser considerada uma contribuição para a investigação crítica do pós-modernismo. Um aspecto dos debates sobre o pós-modernismo é a ênfase nas transformações lingüísticas e discursivas (GIDDENS, 1991; HARVEY, trad., 2000; FAIRCLOUGH, 2003; RAJAGOPALAN, 2003). Um ponto ressaltado por Chouliaraki e Fairclough é que as transformações pós-modernistas são efeitos de estratégias de grupos particulares em um sistema particular (*op. cit.*, p. 21). Dessa forma, é urgente a análise crítica dessas transformações. Por exemplo, a transformação dos seres humanos em objetos, a banalização da violência – debatida no filme *Elefante*, de G. van Sant –, que é um fenômeno claramente perceptível na atual vida social. É nesse sentido que se justifica a crítica ao racismo, ao sexismo, ao processo corrente de desumanização característico de discursos derivados do neocapitalismo. Uma leitura indispensável com relação ao último ponto é a análise de Fairclough (2000) do discurso do primeiro ministro britânico Tony Blair.

Como forma de relacionar os conceitos de prática social, evento social e texto, passo a uma síntese dos conceitos de gênero discursivo e cadeia de gênero (veja a próxima seção).

3 AÇÕES, REPRESENTAÇÕES E ESTILOS

Nas práticas sociais, o discurso se apresenta de três formas: como ação, representação e identificação (FAIRCLOUGH, 2003). Esses são os principais tipos de sentidos dos textos, correspondendo a gêneros discursivos, discursos e estilos. Os gêneros discursivos são (inter)ações, que caracterizarei como formas textuais e sentidos derivados dos propósitos das situações sociais. Os gêneros discursivos

determinam os textos falados, escritos, ou visuais, segundo um padrão sequencial e lingüístico (semiótico), conferindo-lhes uma forma particular e convenções discursivas específicas. A consulta médica e a entrevista são exemplos de gêneros discursivos⁵.

Uma abordagem dos gêneros discursivos, derivada da LSF, que proponho associar à da TCD, é a de Martin (1997). Para Martin, os gêneros discursivos são definidos como: sistemas de processos sociais, onde os princípios para relacionar os processos sociais uns aos outros têm a ver com a textura – as formas em que as variáveis de campo, modo e tenor são ligadas em um texto (*op. cit.*, p. 6).

Essas variáveis, formuladas por Halliday (1989) como componentes do registro, ou estilo, são caracterizadas da seguinte forma: ‘campo’ se refere às atividades, aos participantes, aos processos e às circunstâncias das atividades; ‘tenor’ está ligado às relações sociais, apresentando uma dimensão vertical – um processo de seleção (reciprocidade/poder) – e uma dimensão horizontal (avaliação); e ‘modo’, que indica os canais de comunicação – escrito, oral, conversa face a face, conversa ao telefone, rádio, televisão, correio eletrônico.

A teoria de Martin apresenta, também, o conceito de ‘mudança semiótica’, envolvendo a ‘logogênese’ (a concretização do texto/processo), a ‘ontogênese’ (o desenvolvimento da subjetividade) e a ‘filogênese’ (a expansão da cultura) (*op. cit.*, p. 9).

Ao considerar os gêneros discursivos como processos sociais, a teoria de Martin está discutindo questões muito semelhantes àquelas ressaltadas pela TCD. O que falta na teoria de Martin é a explicitação das relações entre o discurso e a prática social, o que, como sugeri anteriormente, é um dos propósitos da TCD.

Na TCD, os gêneros discursivos são elementos de ordens de discurso locais (institucionais) ou societárias, “redes de práticas sociais em seu aspecto lingüístico” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 24). Um conceito fundamental para o debate sobre os gêneros discursivos é o de *diferença*. Para Kress (1989), são as diferenças que garantem a dinâmica dos textos e, portanto, dos gêneros discursivos. “A diferença é o motor que produz textos” (*op. cit.*, p. 12). Ilustrando com a consulta médica,

⁵ Alguns estudos de gêneros discursivos na perspectiva dos estudos lingüísticos críticos são: Kress e Fowler, 1979; Corner, 1991; Montgomery, 1991; Harris, 1991; Tolson, 1991; Fairclough, trad., 2001; Fairclough, 2003; Meurer e Motta-Roth (orgs.), 2002.

percebe-se uma diferença na compreensão do gênero discursivo pelos participantes. Para os médicos, a consulta se divide em história clínica do/a paciente, exame físico e exames complementares (laboratoriais). Já para os pacientes, a consulta apresenta quatro partes: perguntas do/a médico/a, exame, diagnóstico, receita ou prescrição (MAGALHÃES, I., 2000a). Além disso, há diferenças relacionadas aos contextos de atendimento médico (emergência, enfermaria, ambulatório). Comparando-se esses três contextos, as consultas da emergência são mais rápidas.

A consulta médica se caracteriza pela forma textual de perguntas e respostas, com o controle interacional dos médicos (FAIRCLOUGH, trad., 2001; MAGALHÃES, I., no prelo-a). Por exemplo, na consulta anamnésica (primeira consulta), perguntas como: “Que doença ela já teve? Sarampo. Quê mais? Catapora” (MAGALHÃES, I., 2000a, p. 18). Isso significa que os gêneros discursivos institucionais são controlados por determinados agentes que detêm o poder. O poder dos médicos é destacado por Foucault nesta eloqüente citação:

Primeira questão: quem fala? Quem, no conjunto de todos os sujeitos falantes, tem boas razões para ter esta espécie de linguagem? Quem é seu titular? [...] A fala médica não pode vir de quem quer que seja; seu valor, sua eficácia, seus próprios poderes terapêuticos e, de maneira geral, sua existência como fala médica não são dissociáveis do personagem, definido por *status*, que tem o direito de articulá-la, reivindicando para si o poder de conjurar o sofrimento e a morte. (FOUCAULT, trad., 1987, p. 57-8)

Na prática médica, há representações discursivas do mundo material (tecnologias), de outras práticas e da própria prática médica (reflexividade), como Foucault indica ao associar a linguagem médica ao seu titular. Os discursos representam a mesma situação de diferentes perspectivas ou posições. No caso de médicos e pacientes, os primeiros representam a instituição médica na forma de um saber acumulado historicamente, enquanto os segundos são representados como objetos do saber.

O discurso, combinado com aspectos do corpo (semiose), também contribui para constituir formas de ser, identidades sociais ou pessoais. A dimensão discursiva das identidades nos textos é o estilo. Nesse sentido, os médicos se auto-representam identificando-se com o poder. Conforme o comentário de um médico entrevistado na pesquisa *A Interação Médico-Paciente*:

O médico TEM poder. O médico tem poder. Nós temos poder de matar uma pessoa né, eu tenho poder de matar uma pessoa, posso matar uma pessoa, se eu quiser. Eu tenho um certo poder social. É uma classe, afinal de contas, que estudou muito tempo, é uma profissão/ tradicional, uma profissão é de quem/ dentro da atividade, que se tem algum respeito [...] (MAGALHÃES, I., 2000a, p. 41)⁶

A identidade médica é auto-representada por meio da repetição e da ênfase no tom de voz. Destaco as seguintes frases: “o médico tem poder”, “nós temos poder de matar uma pessoa”, “eu tenho poder de matar uma pessoa, posso matar uma pessoa, se eu quiser”, “eu tenho um certo poder social”, “é uma classe [...] que estudou muito tempo, é uma profissão tradicional [...] que se tem algum respeito”. A auto-representação reflexiva, a linguagem especializada e os aspectos semióticos do corpo (a postura atrás da escrivaninha, anotando dados fornecidos pelos pacientes, o jaleco branco) constituem a identidade médica.

Citando Halliday (1978, 1994), Fairclough observa que a representação corresponde à função ideacional, enquanto a ação está relacionada à função interpessoal, enfatizando o aspecto da (inter)ação e incorporando o aspecto relacional (as relações sociais). A identificação inclui a função interpessoal. Fairclough não distingue uma função textual, que é incorporada à ação (FAIRCLOUGH, 2003).

Um conceito relevante na teoria de Fairclough é o de ‘cadeia de gêneros’, que se baseia na idéia da interdiscursividade inerente aos gêneros discursivos: “As cadeias de gêneros discursivos têm um significado particular: são diferentes gêneros que são regularmente reunidos, envolvendo transformações sistemáticas de gênero para gênero” (*op. cit.*, p. 31).

É notória a transformação dos gêneros discursivos atuais nos mais diversos domínios sociais, como parte das transformações culturais mais amplas (ver Seção 1). Por exemplo, na publicidade é comum a mescla de estilos de fala (formal/ informal) e de gêneros discursivos, como a citação de relatos de vida em discurso direto: um poderoso argumento para firmar a imagem de um produto entre os leitores.

⁶ Pesquisa financiada pelo CNPq, processo 404080/87.1. Convenções de transcrição: letras maiúsculas = ênfase; barra inclinada = interrupção no fluxo da fala.

A formação de cadeias de gêneros discursivos exemplificada pela presença de determinados fragmentos de textos em outros textos, como foi registrado no caso da publicidade, é parte da rearticulação contemporânea das práticas sociais e das ordens do discurso (ver Seção 1). Para alguns, o consumismo acentua o poder dos consumidores face aos produtores. Para outros, essa mudança é apenas aparente, tratando-se, na verdade, da consolidação do poder hegemônico de determinados discursos como o da publicidade (FAIRCLOUGH, trad., 2001b, p. 151).

Pelo menos parte desse poder da publicidade deriva da capacidade de suas equipes de especialistas de impor determinados valores aos destinatários de suas mensagens. Por exemplo, numa revista dirigida ao público masculino, a *Quatrorodas*, a associação entre mulheres e rodas explora o sentido do corpo da mulher como peça de um objeto desejado e muito valorizado na sociedade consumista – o carro: “Viu como mulheres e rodas se encaixam perfeitamente?” (MAGALHÃES, no prelo-b). Nesse texto, a linguagem verbal e os aspectos semióticos – a foto de uma mulher sem cabeça, vestida com um maiô vermelho – se reforçam mutuamente para construir o sentido do corpo feminino como máquina, que é pressuposto na oração subordinada (“como mulheres e rodas se encaixam perfeitamente”).

A interdiscursividade característica dos gêneros discursivos, que incorporam outros gêneros e sentidos de outros discursos, é considerada por Chouliaraki e Fairclough (1999) em termos de uma heterogeneidade, ou ‘prática híbrida’.

O hibridismo não é uma questão de movimento de práticas ‘puras’ para práticas híbridas – as pessoas estão sempre atuando com práticas que já são híbridas (como a mescla de linguagem acadêmica e informal no discurso político...). Assim o que está em questão é a rearticulação [...] O hibridismo como tal é inerente a todos os usos sociais da linguagem. Mas circunstâncias sociais particulares criam graus particulares de estabilidade e durabilidade para articulações particulares, e potenciais particulares para a combinação de práticas de novas formas [...] (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, *ibid*, p. 13)

O conceito de transformação entre as práticas sociais e entre os gêneros discursivos é muito útil para o debate sobre o neocapitalismo (CHIAPELLO e FAIRCLOUGH, 2002). Essas transformações são impostas, em grande parte, pela articulação de determinados gêneros institucionais que determinam estilos de ser,

em que a emancipação é, no fundo, uma nova forma de aprisionamento. Isso é claro nas identidades femininas e masculinas que são representadas nos textos da publicidade.

4 CONCLUSÃO: UMA AGENDA DE PESQUISA

Neste artigo, elaborei uma síntese da teoria crítica do discurso e da análise de discurso textualmente orientada. Passo, agora, a discutir brevemente uma agenda de pesquisa para a teoria crítica do discurso. Essa agenda deve incluir alguns pontos, já debatidos por Chouliaraki e Fairclough (1999), Wodak (2001), e Fairclough (2003). A seguir, farei um rápido comentário sobre uma seleção desses pontos:

- A análise discursiva sistemática das práticas sociais, o que contribui para a pesquisa social crítica. Por exemplo: o discurso médico-paciente, o discurso pedagógico, o discurso da mídia. Já há estudos críticos sobre essas práticas no Brasil, mas são poucos e precisam ser continuados (ver MAGALHÃES, I., 2000; MAGALHÃES, C., orga., 2001; MEURER e MOTTA-ROTH, orgs., 2002; MARTINS, 2004).
- A explicitação de uma concepção científica da crítica social. Isso tem sido feito na ciência social crítica, por exemplo, Santos (2003).
- A mediação entre o contexto social e o discurso (semiose) por meio do estudo das práticas sociais, dos eventos sociais e das cadeias de gêneros discursivos. Uma forte contribuição para o estudo dos aspectos semióticos das práticas sociais é a obra de Kress e van Leeuwen (1996).
- Uma formulação clara da teoria e da análise interdiscursiva da linguagem e da semiose. Uma contribuição relevante para essa teoria é a obra de Fairclough (2003).
- A transdisciplinaridade como parte integrante da análise textual. Uma obra que trata dessa questão na perspectiva da Linguística Aplicada é a de Signorini e Cavalcanti (orgas., 1998). Futuros estudos deverão abordar o tema no âmbito da teoria crítica do discurso e da análise de discurso textualmente orientada.

REFERÊNCIAS

- BARÁT, E. A non-repressing model of identity grounded in the genre of oral auto/biography by women. **Cadernos de linguagem e sociedade**, n. 4, p. 30-67, 2000.
- BARROS, D. L. (Org.). **Os discursos do descobrimento**. São Paulo: Edusp, 2000.
- BERARDI, L. (Org.). **Análisis crítico del discurso: perspectivas latinoamericanas**. Santiago: Frasis Editores, 2003.
- CALDAS-COULTHARD, C. R.; COULTHARD, M. (Orgs.). **Texts and practices**. London; New York: Routledge, 1996.
- CHIAPELLO, E.; FAIRCLOUGH, N. Understanding the new management ideology: a transdisciplinary contribution from critical discourse analysis and new sociology of capitalism. **Discourse and Society**, v. 13, n. 2, p. 185-208, 2002.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1999.
- CORNER, J. The interview as social encounter. In: SCANNELL, P. (Org.). **Broadcast talk**. London; Newbury Park; New Delhi: Sage Publications, 1991. p. 31-47.
- CHRISTIE, E.; MARTIN, J. R. (Orgs.). **Genre and institutions**. London; New York: Continuum, 1997.
- FAIRCLOUGH, N. Critical and descriptive goals in discourse analysis. **Journal of Pragmatics**, n. 9, p. 739-763, 1985.
- _____. **Language and power**. London; New York: Longman, 1989.
- _____. **New labour, new language?** London; New York: Routledge, 2000.
- _____. The dialectics of discourse. **Textus**, v. 14, n. 2, p. 3-10, 2001a.
- _____. **Discurso e mudança social**. Coord. trad., revisão e pref. à ed. bras. de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001b.
- _____. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London; New York: Routledge, 2003.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Trad. L. F. Neves. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- _____. **A ordem do discurso**. Trad. L. F. Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOWLER, R. *et al.* **Language and control**. London; Boston; Henley: Routledge & Kegan Paul, 1979.

FOWLER, R.; KRESS, G. Critical linguistics. In: FOWLER, R. *et al.* **Language and control**. London; Boston; Henley: Routledge & Kegan Paul, 1979. p. 185-213.

GIDDENS, A. **Modernity and self-identity**: self and society in the late modern age. Cambridge: Polity Press, 1991.

HALLIDAY, M. A. K. **Halliday**: system and function in language. Seleção e org. G. Kress. Oxford: Oxford University Press, 1976.

_____. **Language as social semiotic**: the social interpretation of language and meaning. London: Edward Arnold, 1978.

_____. Part A. In: HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, context, and text**: aspects of language in a social-semiotic perspective. 2 ed. Oxford: Oxford University Press, 1989. p. 1-49.

_____. **An introduction to functional grammar**. 2 ed. Londres, Melbourne, Auckland: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, context, and text**: aspects of language in a social-semiotic perspective. 2 ed. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HARRIS, S. Evasive action: how politicians respond to questions in political interviews. In: SCANNELL, P. (Org.). **Broadcast talk**. London; Newbury Park; New Delhi: Sage Publications, 1991. p. 76-99.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Trad. A. U. Sobral e M. S. Gonçalves. 9. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

JAWORSKI, A.; COUPLAND, N. (Orgs.). **The discourse reader**. London; New York: Routledge, 1999.

KRESS, G. **Linguistic processes in sociocultural practice**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 1989.

_____; FOWLER, R. Interviews. In: FOWLER, R. *et al.* **Language and control**. London; Boston; Henley: Routledge & Kegan Paul, 1979. p. 63-80.

_____; VAN LEEUWEN, T. **Reading images**: the grammar of visual design. London; New York: Routledge, 1996.

LEAL, M. C. Consciência lingüística crítica e mudança nas características da identidade docente. In: MAGALHÃES, I.; LEAL, M. C. (Orgs.). **Discurso, gênero e educação**. Brasília, DF: Plano Editora; Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, 2003. p. 139-158.

MAGALHÃES, C. (Org.). **Reflexões sobre a análise crítica do discurso**. Belo Horizonte, MG: Editora da UFMG, 2001.

MAGALHÃES, I. Por uma abordagem crítica e explanatória do discurso. **D.E.L.T.A.**, v. 2, n. 2, p. 181-205, 1986.

_____. Discurso da mulher à nova Constituição do Brasil. In: MONCLAIRE, S. (Org.). **A Constituição desejada: SAIC: as 72.719 sugestões enviadas pelos cidadãos brasileiros à Assembléia Nacional Constituinte**. Brasília: Senado Federal; Centro Gráfico, 1991. v. 1., p. 143-186.

_____. A critical discourse analysis of gender relations in Brazil. **Journal of Pragmatics**, n. 23, p. 183-197, 1995a.

_____. Beliefs about literacy in a Brazilian community. **International journal for educational development**, v. 15, n. 3, p. 263-276, 1995b.

_____. Linguagem e identidade em contextos institucionais e comunitários. **Cadernos de linguagem e sociedade**, Brasília, DF, v. 2, n. 1, p. 42-61, 1996a.

_____. (Org.). **As múltiplas faces da linguagem**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1996.

_____. Intertextualidade e letramento: o “outro” no discurso da educação. **Letras**, Santa Maria, RS, n. 14, p. 83-105, 1997a.

_____. Linguagem e ideologia no discurso pentecostal. **Cadernos de linguagem e sociedade**, Brasília, DF, v. 3, p. 21-65, 1997b.

_____. **Eu e tu: a constituição do sujeito no discurso médico**. Brasília: Thesaurus, 2000a.

_____. O discurso do outro e a identidade da mulher: da colonização à década de 1990. In: BARROS, D. L. (Org.). **Os discursos do descobrimento**. São Paulo: Edusp, 2000b. p. 207-222.

_____. Interdiscursividade e identidade de gênero. In: MAGALHÃES, I.; LEAL, M. C. (Orgs.). **Discurso, gênero e educação**. Brasília, DF: Plano Editora; Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, 2003a. p. 33-62.

_____. Análisis crítico del discurso e ideología de género em la Constitución brasileña. In: BERARDI, L. (Org.). **Análisis crítico del discurso: perspectivas latinoamericanas**. Santiago: Frasis Editores, 2003b. p. 17-50.

_____. Institutional talk. **Encyclopedia of language and linguistics**. Oxford: Elsevier. (no prelo – a)

_____. Critical discourse analysis and the semiotic construction of gender identities. **D.E.L.T.A.** (no prelo – b)

MAGALHÃES, I.; LEAL, M. C. (Orgs.). **Discurso, gênero e educação**. Brasília, DF: Plano Editora; Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, 2003.

MARTIN, J. R. Analysing genre: functional parameters. In: CHRISTIE, F.; MARTIN, J. R. (Orgs.). **Genre and institutions**. London; New York: Continuum, 1997. p. 3-39.

MARTINS, A. R. O discurso da imprensa sobre os militares. In: _____. (Org.). **As múltiplas faces da linguagem**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1996. p. 413-425.

_____. **A polêmica construída: racismo e discurso da imprensa sobre a política de cotas para negros na universidade**. Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade de Brasília, 2004.

MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

MONCLAIRE, S. (Org.). **A Constituição desejada: SAIC: as 72.719 sugestões enviadas pelos cidadãos brasileiros à Assembléia Nacional Constituinte**. Brasília: Senado Federal; Centro Gráfico, 1991. v. 1.

MONTGOMERY, M. Our tune: a study of a discourse genre. In: SCANNELL, P. (Org.). **Broadcast talk**. London; Newbury Park; New Delhi: Sage Publications, 1991. p. 138-177.

OCHOA, H. R. Caminos hacia una trascendencia del sujeto. In: PARODI, G. (Org.). **Lingüística e interdisciplinariedad: desafios del nuevo milênio**. Valparaíso: Ediciones Universitarias de Valparaíso de la Universidad Católica de Valparaíso, 2002. p. 30-40.

PARODI, G. (Org.). **Lingüística e interdisciplinariedad: desafios del nuevo milênio**. Valparaíso: Ediciones Universitarias de Valparaíso de la Universidad Católica de Valparaíso, 2002.

PEDRO, M. E. (Org.). **Análise crítica do discurso**. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RIOS, G. V. Intertextualidade constitutiva em textos produzidos por alfabetizando adultos em sala de aula. **Cadernos de linguagem e sociedade**, Brasília, DF, v. 3, n. 2, p. 27-44, 1997.

_____. **Literacy discourses in two socioeconomically differentiated neighbourhoods in Brazil: a study in situated literacies and critical discourse analysis**. Tese (Doutorado) - Universidade de Lancaster, Grã-Bretanha, 2002.

- SANTOS, B. de S. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2003.
- SARANGI, S.; COULTHARD, M. (Orgs.). **Discourse and social life**. Harlow, Essex: Pearson Education, 2000.
- SCANNELL, P. (Org.). **Broadcast talk**. London; Newbury Park; New Delhi: Sage Publications, 1991.
- SGARBIERI, A. Mídia, gênero e poder. In: MAGALHÃES, I.; LEAL, M. C. (Orgs.). **Discurso, gênero e educação**. Brasília, DF: Plano Editora; Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, 2003. p. 21-31.
- SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (Orgs.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.
- THOMPSON, J. B. **Ideology and modern culture**. Cambridge: Polity Press, 1990.
- TOLSON, A. Televised chat and the synthetic personality. In: SCANNELL, P. (Org.). **Broadcast talk**. London; Newbury Park; New Delhi: Sage Publications, 1991. p. 178-200.
- VAN DIJK, T. A. (Org.). **El discurso como interaccion social**. Revisão técnica de J. A. Álvarez. Barcelona: Editorial Gedisa, 2000.
- _____. Multidisciplinary CDA: a plea for diversity. In: WODAK, R.; MEYER, M. (Orgs.). **Methods of critical discourse analysis**. London; Thousand Oaks; New Delhi: Sage Publications, 2001. p. 95-120.
- VAN LEEUWEN, T. The representation of social actors. In: CALDAS-COULTHARD, C. R.; COULTHARD, M. (Orgs.). **Texts and practices**. London; New York: Routledge, 1996. p. 32-70.
- WODAK, R. **Disorders of discourse**. London; New York: Longman, 1996.
- _____. Recontextualization and the transformation of meanings: a critical discourse analysis of decision making in EU meetings about employment policies. In: SARANGI, S.; COULTHARD, M. (Orgs.). **Discourse and social life**. Harlow, Essex: Pearson Education, 2000. p. 185-206.
- _____. What CDA is about: a summary of its history, important concepts and its development. In: WODAK, R.; MEYER, M. (Orgs.). **Methods of critical discourse analysis**. London; Thousand Oaks; New Delhi: Sage Publications, 2001. p. 1-13.⁷
- WODAK, R.; MEYER, M. (Orgs.). **Methods of critical discourse analysis**. London; Thousand Oaks; New Delhi: Sage Publications, 2001.

Recebido em 22/06/04. Aprovado em 20/10/04.

⁷ Este texto foi traduzido e publicado neste mesmo número da Linguagem em (Dis)curso.

Title: Critical theory of discourse and text

Author: Izabel Magalhães

Abstract: The purpose of this paper is to present a debate and research agenda for a critical theory of discourse, relating it, on the one hand, to critical social theory and, on the other, to systemic functional linguistics. Fundamental concepts in the critical theory of discourse are: social practice, social event, genre and text. Textually oriented discourse analysis (TODA) proposes to understand social practices in a dialectical view of discourse, involving genres and meaning construction in texts: actions (genres), representations (discourses), identifications (styles). Three important moments in the development of this theory, as well as points for future research, are presented.

Keywords: critical theory; discourse; social practice; text; genre; transdisciplinarity.

Titre: Théorie critique du discours et texte

Auteur: Izabel Magalhães

Résumé: Le propos de cet article est celui de présenter une agenda pour le débat et la recherche de la théorie critique du discours, en la rapportant, d'une part, à la théorie sociale critique, et, d'autre part, à la linguistique systémique-fonctionnelle. Des concepts centraux dans la théorie critique du discours sont ceux de la pratique sociale, événement social, genre discursif et texte. L'analyse du discours textuellement orientée (ADTO) est une proposition de compréhension des pratiques sociales dans la conception dialectique du discours, entourant des genres discursifs et la construction de sens dans les textes: actions (genres), représentations (discours), identifications (styles). Trois moments significatifs dans le développement de la théorie sont présentés, de la même façon que des points pour des futures recherches sont ressortis.

Mots-clés: théorie critique; discours; pratique sociale; texte; genre; transdisciplinarité.

Título: Teoría crítica del discurso y texto

Autor: Izabel Magalhães

Resumen: Este artículo tiene como propósito dar a conocer una agenda para el debate y la investigación de la teoría crítica del discurso, relacionándola, por un lado, a la teoría social crítica y, por otro, a la lingüística sistémico-funcional. Conceptos centrales, en la teoría crítica del discurso, son aquellos de práctica social, evento social, género discursivo y texto. El análisis de discurso textualmente orientado (ADTO) constituye una propuesta de comprensión de las prácticas sociales en la concepción dialéctica del discurso, envolviendo géneros discursivos y la construcción de sentidos en los textos: acciones (géneros), representaciones (discursos), identificaciones (estilos). Se presentan tres momentos significativos del desarrollo de la teoría, así como se destacan puntos para futuras investigaciones.

Palabras-clave: teoría crítica; discurso; práctica social; texto; género; transdisciplinaridad.

